

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: FATORES QUE INTERFEREM E
DIFICULTAM A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NO I CICLO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Laury Vander Leandro de Souza ¹

Nelly Mary Oliveira de Souza ²

Eveline de Paula Moraes Santos ³

Gessé Pereira Costa ⁴

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados de um estudo realizado nas escolas públicas do Município de Tabatinga-Am, através da Coordenação do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação – SEMED. O trabalho trata dos fatores que interferem e dificultam o processo de alfabetização dos alunos do I Ciclo do Ensino Fundamental, pois muitas vezes, o alfabetizador se depara com obstáculos que limitam seu trabalho e retardam o processo de aprendizagem dos alunos. O problema de estudo se justifica pela necessidade de conhecer as causas que dificultam e interferem nesse processo. Percebe-se que as dificuldades no processo de alfabetização são confirmadas por dados levantados pelo IDEB de algumas escolas que mostram um índice de aproveitamento inferior ao que as metas projetadas esperam. Nesse sentido, quando se analisa o processo de alfabetização, verifica-se que caso à criança não vivencie um processo de intervenção específico às suas condições e necessidades, não terá condições para dar continuidade aos seus estudos. Esta investigação tem a contribuição teórica de Cambi (1999), Piaget (1977), Ferreiro (1985), Leme (1988), Moreira (2007), Leite (1998) e outros. O estudo foi realizado através de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo em uma abordagem qualitativa. Os dados foram coletados através de questionário e conversas informais envolvendo vinte professores de duas escolas da Rede Pública Municipal de Tabatinga-AM. A investigação mostra as competências e desafios do professor alfabetizador frente a alguns fatores como a falta de acompanhamento familiar, indisciplina escolar, a promoção automática para série seguinte e o fator sócio-econômico que interferem e dificultam a aprendizagem da leitura e escrita no I ciclo do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Alfabetização. Leitura e escrita. Primeiro Ciclo.

1 INTRODUÇÃO

O primeiro ciclo do Ensino Fundamental que compõe o 1º, 2º e 3º ano, é uma fase cheia de novas experiências e sensações em que o aluno se depara ao chegar

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Pedagoga da Secretaria Municipal de Educação de Tabatinga. laurysouzabc@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Pedagoga da Secretaria Municipal de Educação de Tabatinga. mel_tbt@hotmail.com

³ Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas-UFAM. Apoio Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Tabatinga.

⁴ Graduado Letras pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Coordenador do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Tabatinga gessetbt41@gmail.com

à escola, para aqueles que não frequentaram a Educação Infantil, como o primeiro contato com a educação formalizada. Alguns fatores que interferem na aprendizagem geralmente são identificados quando o pequeno educando ingressa no ensino formal, no momento em que deverá apropriar-se de saberes científicos dos quais antes não precisava.

Dessa forma, na medida em que não consegue compreender e assimilar os conteúdos mediados pelo professor, geralmente não alcança a média mínima esperada para progredir, podendo vivenciar situações contínuas de reprovação e inclusive abandonar a escola caso não uma intervenção específica frente às causas que interferem nesse processo.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo principal a necessidade de entender os fatores que interferem e dificultam o processo de alfabetização dos alunos do I Ciclo do Ensino Fundamental, pois muitas vezes, o alfabetizador se depara com obstáculos que limitam seu trabalho e retardam o processo de aprendizagem dos alunos.

Para isso, julgou-se necessário compreender as competências e desafios do professor alfabetizador, analisar em que consistem os fatores que dificultam a aprendizagem, entendendo seus reflexos no processo de alfabetização e refletir sobre o papel do professor diante desta problemática que atrapalha de forma significativa o processo de alfabetização.

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo utilizou-se como metodologia a pesquisa de campo envolvendo 40 professores da Rede Pública Municipal de Tabatinga. Os dados foram coletados através de questionário e conversas informais, os quais foram analisados em uma abordagem de caráter qualitativo, mediante revisão bibliográfica, compilando estudos sobre obras que trazem em seu bojo informações e definições relevantes para o desdobramento do estudo. O estudo teve como aporte teórico as idéias e concepções de autores como Cambi (1999), Piaget (1977), Ferreiro (1985), Leme (1988), Moreira (2007), Leite (1998) e outros.

1.1 A competência e desafios do professor alfabetizador

Durante muito tempo, a alfabetização foi vista como uma mera aquisição do código escrito que formava alunos para as fases seguintes. Nos anos 70 e 80 o elevado índice de analfabetismo, a repetência e a evasão escolar estimularam a busca por novas formas de conceber e direcionar o trabalho educativo e os conceitos equivocados sobre alfabetização foram aos poucos superados. Conforme Cambi (1999, p. 638), a partir dos anos 80 e sucessivamente até hoje, “a pedagogia foi atravessada por um feixe de novas emergências, novas exigências e novas fórmulas educativas, novos sujeitos dos processos formativos e educativos e novas orientações políticas culturais”.

Uma das contribuições que promoveram mudanças no cenário educacional se deve aos estudos sobre a psicogênese da língua escrita, discutidas por Emilia Ferreiro & Ana Teberosky (1985) que enfatizavam que a alfabetização não era uma mera codificação e decodificação do sistema linguístico, mas se caracterizava como um processo ativo em que a criança em contato com a cultura escrita ia aos poucos re-construindo hipóteses sobre a língua escrita, até chegar à escrita convencional, como nos afirma Ferreiro (1985):

Nossa visão atual do processo é radicalmente diferente: no lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas sim criação original (FERREIRO, 1985, p. 22).

Na busca constante por novos métodos e práticas pedagógicas o professor tem enfrentados muitos desafios, visto a alfabetização como uma fase distinta, que requer mais conhecimentos específicos na área. Assim, a alfabetização caracteriza-se por uma fase muito importante no desenvolvimento do aluno, sendo a base para conhecimentos futuros. Segundo o dicionário Aurélio, alfabetizar é ensinar a ler e a escrever ou dar instrução primária. Porém, diante de uma nova concepção de alfabetização, sabemos que alfabetizar vai muito além de ensinar a ler e escrever, nesta tarefa a linguagem deve ser uma fiel aliada dos educadores no processo de ensino/aprendizagem. Na escola, o processo de alfabetização ocorre de forma contínua, remetendo ao educador um papel importante como mediador do processo da aquisição da leitura e escrita, com intervenções pedagógicas coerentes, já que os

conhecimentos resultam da pluralidade de sentidos e significações compartilhadas no coletivo, que aos poucos vão sendo produzidos. Conforme Lemle (1988),

É claro que, além dos conhecimentos básicos, o alfabetizador precisa de outros dons para se sair bem. Ele deve ter respeito pelos alunos, evitar o papel de cúmplice de um sistema interessado em manter esmagada uma grande parte do seu povo, confiar na capacidade de desenvolvimento dos alunos e ter criatividade, inventividade, iniciativa, combatividade e fé em sua capacidade de tornar este mundo melhor (LEMLE, 1988, p.6).

Diante de um novo tempo marcado por reflexões acerca do indivíduo como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos, o quadro educacional passou por grandes mudanças devido ao novo modo de construir conhecimentos, alinhados aos acontecimentos atuais com foco na particularidade do aluno. Portanto, na alfabetização a ação educativa do professor também sofreu esta influência, com a utilização de temas atuais com ênfase na formação intelectual e social do aluno.

De acordo com esses estudos a função do professor seria de mediar este processo, e propor desafios por meio de atividades planejadas com intencionalidade pedagógica. Assim, aos poucos o educando faria novas descobertas e reconstruiria hipóteses. Por isso, o estímulo visual com o uso de diferentes gêneros textuais é imprescindível nessa etapa. Diante disso, no contexto da alfabetização, o professor é muito importante, porém em muitos casos esse profissional nem sempre está habilitado para executar tal tarefa, visto que muitos não obtiveram uma boa formação e nem sabem quais são as etapas do processo de construção da escrita.

A implantação de ações que tragam um bom suporte teórico e pedagógico para esses profissionais são urgentes no meio educacional, pois muitos estão alienados aos livros didáticos por medo de ousar e errar. É preciso que ocorram novas mudanças no fazer educativo com ênfase nas práxis pedagógica, ação – reflexão – ação de sua prática educativa atrelada à teoria, considerando que esses professores terão mais dificuldades para alfabetizar seus alunos e ainda poderá desencadear nesses alunos dificuldades de leitura e escrita ao longo de sua vida escolar. Nesse sentido, Poersch (1990) nos diz que:

O alfabetizador é um profissional do ensino de línguas e, como tal, além do domínio e das técnicas pedagógicas deve possuir sólidos conhecimentos lingüísticos tanto da língua, enquanto meio de comunicação, quanto sobre a língua, enquanto objeto de análise. (POERSCH, 1990, p. 37)

Na verdade o professor que está inserido em sala de aula tem o dever de oferecer uma educação de qualidade, e isso requer formação e competência para desenvolver um trabalho satisfatório. Portanto o alfabetizador, no processo de alfabetização, é o agente que estimulará as descobertas da língua escrita até chegar à escrita convencional.

1.2 Os fatores que interferem no processo de alfabetização

Compreende-se a aprendizagem como um processo natural no qual a criança ou adulto, independente de sua faixa etária e conhecimentos prévios, se apropria intelectualmente de determinados conceitos entendendo a fundo seus significados, importância, contexto histórico em que foi criado, bem como seus reflexos no cotidiano em que está inserido. Diante disso, o aprendizado constitui o principal objetivo dos educadores na medida em que direcionam o processo de ensino e aprendizagem de uma determinada área do conhecimento, contemplando os conteúdos determinados pelo currículo escolar a partir de metodologias diversificadas. Para isto, estes profissionais executam o processo de avaliação que permitem acompanhar a consolidação dos saberes esperados e aqueles que realmente o aluno conseguiu construir no decorrer de cada bimestre.

Buscando ampliar as concepções teóricas capazes de definir a aprendizagem, Oliveira e Chadwich (2002, p.21) afirmam que este processo ocorre de forma:

[...] natural que surge na curiosidade das pessoas. Favorecida por um ambiente positivo, a aprendizagem desenvolve-se quando o que se está aprendendo adquire significado, relevância e boa estrutura. A função principal da escola e do professor é criar esse ambiente adequado e propício para que o aluno aprenda.

A construção natural deste processo de aprendizagem ocorre de maneira facilitada na medida em que são estabelecidos vínculos afetivos entre professor e aluno, havendo uma relação de confiança e apoio, de modo que este último esteja disposto a interiorizar os conteúdos mediados, diversificar suas concepções e atribuir novos significados ao conhecimento científico que está tendo acesso. Moreira (2007, p.36) descreve o ambiente escolar, como sendo um local:

[...] previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações que estabelecem entre si e com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente.

Portanto, neste ambiente e a partir do contato com o professor enquanto profissional especializado para o direcionamento do processo educacional, o aluno terá a possibilidade de ampliar suas aprendizagens e conseqüentemente refinar sua estrutura intelectual, uma vez, que se apropria de conhecimentos científicos antes desconhecidos.

Diante das dificuldades que alguns alunos apresentam no processo de alfabetização, verifica-se que existem alguns fatores que interferem e dificultam este processo.

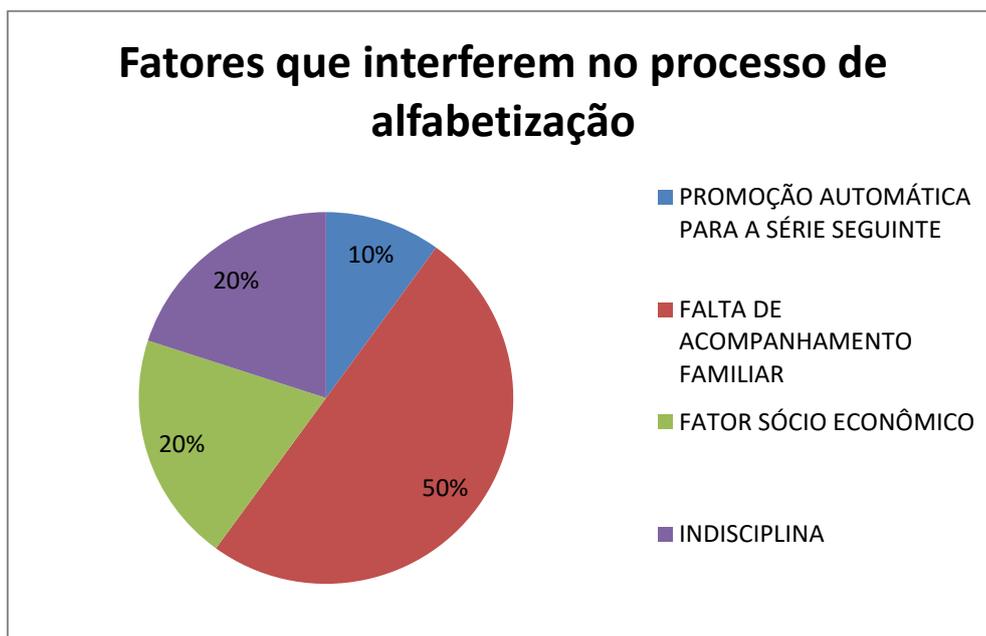


GRÁFICO 01
FONTE: Souza, 2017

De acordo com os dados da pesquisa, no Gráfico 01 podemos observar os seguintes fatores citados pelos sujeitos da pesquisa: A promoção automática em que o aluno é submetido não tendo condições e apoio para seguir adiante; O fator sócio-econômico que interfere muito no desenvolvimento esperado de um aluno em

condições normais de aprendizagem; A falta de acompanhamento familiar onde o professor se depara sozinho nesta missão de alfabetizar a qualquer custo, e a indisciplina dos alunos durante as atividades diárias propostas pelo professor.

Observa-se que o fator que mais se destaca e que dificulta a aprendizagem é a falta de apoio e acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos. No processo de alfabetização, o professor se depara sozinho na missão de alfabetizar. Segundo os sujeitos da pesquisa, os pais atribuem ao professor a culpa do fracasso escolar dos filhos, assim se estabelece no seio escolar a discórdia histórica entre a escola e família. O abandono escolar de alguns pais é revoltante, pois esse cenário é visível com muita frequência no meio escolar. Muitos alunos voltam com as tarefas em branco, chegam à sala de aula desmotivados, necessitando muitas vezes de estímulos exteriores para a construção de aprendizagens e não encontram.

Sabe-se que tanto a família quanto a escola são responsáveis pelo desenvolvimento e pelo processo de ensino aprendizagem das crianças. Para que este processo ocorra de forma produtiva, torna-se necessário que estas duas instituições se tornem parceiras e coadunem para favorecer o bem estar e o aprendizado das crianças.

A legislação é bem clara e específica quanto às atribuições da família e do Estado, a Constituição Federal, em seu artigo 205, afirma que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família". A educação informal é obrigação da família e formal do Estado, por isso as duas instituições devem sempre estar em constante sintonia para priorizar uma boa educação. Sobre essa relação Nérici (1972) salienta que:

A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é, da melhor forma possível, sem mistificações, sem deformações, em sentido de aceitação social. Assim, a ação educativa deve incidir sobre a realidade pessoal do educando, tendo em vista explicitar suas possibilidades, em função das autênticas necessidades das pessoas e da sociedade. (NÉRICI, 1972,p.12)

Nesta perspectiva entendemos que escola e família se complementam na tarefa da formação social da criança, se uma das duas se omite quanto à sua atribuição o processo de ensino/aprendizagem fica prejudicado.

Berger e Luckmann (2009) destacam que, ao se associar a família ao conceito de instituição e à formação de papéis sociais, é preciso lembrar que as

origens das instituições se relacionam com a repetição de costume e hábitos que a família compartilha, e são comuns às pessoas de algum grupo social, controlando seu comportamento.

Nesta perspectiva Nérici (1972) considera que a influência da família é básica e fundamental no processo educativo do imaturo e nenhuma outra instituição está em condições de substituí-la. Embora muitas vezes o trabalho ou a falta de tempo são algumas justificativas para essa ausência, considera-se que essas "desculpas" futuramente não irão sanar as carências intelectuais, afetivas e sociais que poderão aflorar no aluno.

Outro fator bem notável e citado pelo alfabetizador é a indisciplina dos alunos durante as atividades diárias propostas pelo professor, a falta de interesse e a falta de otimismo para conquistar uma vida futura próspera está cada vez mais distantes dos nossos alunos. Percebemos que a indisciplina escolar pode trazer consequências desastrosas para os alunos e a todos envolvidas neste contexto, pois atrapalha o rendimento escolar de toda a turma. Caso esta não seja controlada pelo professor em sala de aula, podem-se gerar, posteriormente à vida escolar, consequências graves para a sociedade, entre elas: a violência, envolvimento com drogas, entre outros problemas sociais.

Nota-se que está cada vez mais difícil estabelecer regras para ordenamento e coerção desses alunos. De acordo com Piaget (1977, p.7) "toda moral é um sistema de regras e a essência de toda moralidade consiste no respeito que o indivíduo sente por tais regras". Por isso mais uma vez o professor entra em ação na busca constante de meios que estabeleçam regras de convivência e de respeito ao próximo, priorizando a cidadania. Cabe ao educador usar ferramentas dinâmicas e eficazes para uma boa sintonia entre os aspectos intelectuais e sociais.

Segundo os sujeitos pesquisados, o fator socioeconômico também contribui para o atraso na aprendizagem. Para Souza (1996), os fatores relacionados ao sucesso e ao fracasso da aprendizagem dividem-se em três variáveis integrados entre si, e são designados como: ambientais, psicológicos e metodológicos, a junção desses fatores resulta-se no desempenho escolar de uma criança. Para o autor, o contexto ambiental é o meio em que a criança vive e está diretamente relacionado ao nível socioeconômico dos pais, a quantidade de filhos, a convivência familiar, ocupação e escolaridade dos pais. Souza (1996) afirma que o fator ambiente

contribui de forma decisiva para um bom desenvolvimento do aluno, por ser o espaço em que aluno passa a maior parte do tempo.

Assis (1990), menciona que os problemas de aprendizagem podem ser resultado de ambientes familiares que não estimulam a criança a estudar e acredita que um ambiente familiar com pouca influência sociolinguística pode interferir no desenvolvimento das aptidões e habilidades desempenhadas pela criança. Muitos fatores podem intervir na vida escolar de uma criança: um ambiente doméstico tranquilo e saudável o proporcionará uma melhor estabilidade emocional.

O contexto psicológico para Stevanato (1996) é fundamental no desenvolvimento da aprendizagem e está relacionado com a estrutura familiar, ordem de nascimento dos filhos e o nível de expectativa, a forma como a criança é tratada pela sua família e também no ambiente social em que convive, tanto podem trazer reflexos positivos, quanto negativos para o seu processo de aprendizagem. Comportamentos como: agressões, baixa-estima, desatenção, hiperatividade e isolamento muitas vezes são resultantes da convivência familiar. Leite (1998), também relaciona o fracasso escolar a fatores extraescolares como a realidade socioeconômica a que está inserida a maioria da população brasileira, resultantes das relações de trabalho e pobreza.

Conforme observamos no Gráfico 1, a promoção automática em que o aluno é submetido sem ter condições de avançar para a série seguinte também é um fator que, segundo os professores, contribui para o fracasso na aprendizagem. Para eles, o aluno só deveria avançar para a série seguinte, a partir do momento em que ele estivesse apto a acompanhar a turma.

A promoção automática está inserida dentro dos “ciclos”, terminologia que vem sendo usada no Brasil para designar uma forma de organização da escolaridade visando superar o modelo da escola graduada, organizada em séries anuais e que classifica os alunos durante seu processo de escolarização.

Nessa nova forma de organização, os anos da escolaridade obrigatória são divididos em ciclos de 2, 3 ou 4 anos. A reprovação se dá ao término de cada ciclo e, em algumas experiências, ela é totalmente eliminada e substituída por outras formas de progressão dos alunos.

A proposta da escola em ciclos está comprometida com a transformação do sistema educacional que propõe uma educação não-excludente e não-seletiva,

tendo em vista uma escola democrática e progressista que garanta a todos os alunos o direito de permanecer na escola e de aprender. Há de se convir que essa transformação para acontecer de fato se dará num processo longo.

As características de promoção automática nos moldes de como vem acontecendo, pode ter um resultado bastante frágil na prática, visto que, a relevância de alguns conteúdos escolares ou competências como: ler, escrever e contar, por exemplo, não são plenamente atendidas ou contempladas. É comum encontrarmos alunos que concluem o Ensino Fundamental sem ter adquirido domínio das competências mínimas, que são fundamentais para a compreensão e transformação da realidade, isto é, da cidadania e superação das desigualdades sociais, sendo, porém está a principal preocupação do ensino organizado em ciclos de formação, o que é preocupante, já que isto irá afetar e comprometer o seu futuro de maneira significativa. Uma vez que as aprendizagens relevantes e essenciais para sociedade em que estão inseridos não foram atingidas com êxito, isso acarretará o crescimento da desigualdade social e o aumento da seletividade desses indivíduos, onde irão dividir os saberes na hora do acesso ao trabalho dificultando e diminuindo as possibilidades desse sujeito se tornar detentor e conhecedor dos seus direitos e deveres, o que poderia lhe garantir uma vida digna e justa, e exercer seu papel de cidadão.

Contudo, não se pode afirmar que tais resultados negativos sejam exclusivamente atrelados ao ensino organizado em ciclos. A aprendizagem comprometida dos alunos que muitas vezes é justificativa para o fracasso escolar, se deve a vários fatores, como os citados anteriormente. Conforme relata Perrenoud.

“Normalmente define-se o fracasso escolar como a simples consequência de dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma falta “objetiva” de conhecimento de competências. Essa visão, que “naturaliza” o fracasso, impede a compreensão de que ele resulta de formas e de normas de excelência instituídas pela escola, cuja execução local revela algumas arbitrariedades, entre as quais a definição do nível de exigência, do qual depende o limiar que separa aqueles que tem êxito daqueles que não o têm”. (PERRENOUD, 2000, p. 18);

É nesse sentido que se faz necessário um tipo de avaliação institucional que vise identificar (e intervir, se necessário) se o aluno, ao término do processo de

Ensino Fundamental, aprendeu o *fundamental*. Onde as notas deles, apesar das distorções e exageros, possam revelar a realidade dando condições ao aluno de futuramente poder concorrer de forma mais justa e igualitária a uma vaga no mercado de trabalho.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou alguns fatores que dificultam o processo de alfabetização no primeiro ciclo do ensino fundamental na visão dos professores das escolas públicas municipais de Tabatinga, Am. Através desse estudo foi possível compreender que a falta de acompanhamento da família na vida escolar dos filhos, a falta de incentivo cultural, alunos não veem a importância da escola para o seu futuro, problemas como o desinteresse em aprender os conteúdos ensinados pelo professor, realidade socioeconômica, entre outros problemas surgem no contexto escolar interferindo na aprendizagem dos alunos.

Considerando os resultados obtidos, vale ressaltar que os problemas de aprendizagem não devem ser atribuídas somente a fatores externos, também estão ligados à fatores internos como os métodos de ensino, a falta de materiais didáticos apropriados, condições psicológicas do aluno entre outros fatores. Percebe-se diante dos resultados, a necessidade de uma aproximação entre família e escola, um maior incentivo ao aluno por parte da família, professores bem preparados para lidar com esses problemas, buscando ajudar o aluno para que este possa ter sucesso na aprendizagem. Vale ressaltar também a necessária e fundamental contribuição dos órgãos governamentais, que devem sempre buscar minimizar as desigualdades promovendo o acesso à educação de forma democrática, e igualitária para todos os setores da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Aos professores da Rede Municipal de Ensino e demais colaboradores que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. À Secretaria Municipal de Educação de Tabatinga, pelo apoio e por nos oportunizar a realização de trabalhos indispensáveis ao nosso crescimento profissional.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M.B.A.C. **Aspectos afetivos do desempenho escolar: alguns processos inconscientes**. Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, n. 20, p. 35-48, 1990.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federal do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Imprensa Oficial. Brasília, DF, 1988.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo. Fundação editora da UNESP (FEU), 1999 – (Encyclopaideia)
- FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. Emília Ferreiro e Ana Teberosky; tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. – Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.
- LEITE, S. A. da S. **O fracasso escolar no ensino de primeiro grau**. Revista Brasileira de estudos Pedagógicos, v.69, n.163, p.510-540, setembro/dezembro, 1988.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 2ª Ed. São Paulo. Ática. 1988. Série Princípios.
- MOREIRA, Adelson F. **Ambientes de Aprendizagem**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.
- NÉRICI, Imídeo G. **Lar, escola e educação**. São Paulo: Atlas, 1972.
- OLIVEIRA, João Batista; CHADUWICH, Clifiton. **Aprender e ensinar**. São Paulo: Global, 2002.
- PERRENOUD, O. **Os desafios da avaliação no contexto dos ciclos de aprendizagem plurianuais**. Lisboa. Porto: Editora Colibri. 2000.
- PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1932/1977.
- POERSCH, J. M. **Suportes Lingüísticos para a alfabetização**. 2 ed. Porto Alegre: Sagra, 1990.
- SOUZA, E.M. **Problemas de aprendizagem - criança de 8 a 11 anos**. Bauru: EDUSC, 1996.
- STEVANATO, I. S. **Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento**. Psicologia em estudo – Maringá. 1996.